



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

CARMEN LÚCIA SOARES

(depoimento)

2016

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-742

Entrevistada: Carmen Lúcia Soares

Nascimento: não informado

Local da entrevista: UNICAMP, Campinas – SP

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 11/11/2016

Transcrição: Kenia Gouvea Garrafiel

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 52 minutos e 25 segundos

Páginas Digitadas: 17 páginas

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo intitulada *Centros de Memória da Educação Física e dos Esportes nas Universidades Federais*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação; A pesquisa do mestrado; Trabalho como coordenadora da Educação Física na Secretaria de Educação do Paraná e o enfrentamento contra exame médico dos alunos na década de 1980; Fontes de pesquisa; Primeiras participações no Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte; A representação das ciências humanas no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte; A importância dos anos 1990; Os referenciais e autores importantes; O campo científico e o papel dos pesquisadores; O começo da sala de acervo da UNICAMP; Cuidados e o que arquivar no acervo; Proximidade com os centros de memória; Considerações finais.

Campinas, 11 de novembro de 2016. Entrevista com Carmen Lúcia Soares a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias.

C.M. – Professora, primeiro muitíssimo obrigada por me atender nesse momento tão corrido¹. Agradeço imensamente a disponibilidade. E eu queria que você começasse contando como se envolveu com a pesquisa histórica na Educação Física?

C.S. – Muito bem, Christiane. Eu fico feliz que você esteja no CHELEF², que você esteja sendo bem tratada [risos]. Bom, eu sou da velha geração. Eu completei sessenta anos agora em outubro. E eu comecei a fazer pesquisa histórica no campo da Educação Física por ocasião do meu mestrado. Na verdade, a temática do meu mestrado que foi “O pensamento médico higienista e a influência na Educação Física: 1850 a 1930” entre 1800 e alguma coisa, que agora eu não me recordo [risos] e 1930. Essa pesquisa, ela surgiu de um tema e de um problema vivido no campo da Educação Física quando eu fui coordenadora de Educação Física do estado do Paraná. Por ocasião desse trabalho como coordenadora, entre 1983 a 1986, eu me deparei com uma exigência da Secretaria da Educação que era o exame médico para todos os alunos para detectar algum mal. Que na verdade seria o mal súbito. E aquela problemática vivida com essa exigência e na condição de coordenadora, me levou a discutir com os médicos da Secretaria de Saúde da época essa exigência. E eu fui convencida a partir de um conjunto de argumentos que os médicos da saúde pública me deram, de que esse exame era completamente desnecessário. Uma vez que, se o objetivo dele era prever morte súbita, a morte súbita não se previne. Portanto, se o exame deveria existir para outras questões, a gente até poderia discuti-lo, mas seria quase impossível fazê-lo com todas as crianças e jovens da rede pública do estado do Paraná, onde eu estava. Essa exigência do exame médico para a prática de educação física, que veio com a legislação própria da ditadura militar, Decreto 69.450, era uma exigência que na verdade trazia no seu conteúdo aquela ideia de uma Educação Física voltada para a performance. E o desejo mais profundo dos gestores da Educação Física na época da ditadura talvez fosse, e essa é uma pesquisa que talvez precise ser feita, de ter médicos ligados à medicina esportiva dentro das escolas. Porque a ideia era fazer o “Brasil a pátria dos atletas”, e as

¹ A entrevista foi realizada durante o XIV Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física que aconteceu na cidade de Campinas. A entrevistada foi a coordenadora geral do evento.

² Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física.

escolas seriam o grande chão da produção desses atletas. Então, veja, eu era professora de escola, de professora de escola eu fui coordenar a Educação Física do estado. No estado me deparo com esse problema e nós resolvemos enfrentar o problema na época e abolir o exame. Na época fomos quase execrados em praça pública, mas nós alcançamos o que queríamos. E aquilo me levou a elaborar um problema de pesquisa: A Influência do pensamento médico no campo da Educação Física. Esse lugar de proeminência do médico e da medicina na constituição da Educação Física brasileira. E foi esse problema, então, que me levou a delimitar o meu tema de pesquisa em torno, não da medicina em sentido amplo, mas da medicina higienista. E da medicina higienista, claro, e todos os ramos da medicina higienista que existiram no Brasil. E eu fui até os anos em que a sociedade brasileira de higiene teve um protagonismo muito grande de um desenho do que deveria ser a Educação Física brasileira. Então, a minha trajetória para chegar a esse tema na história da Educação Física, foi por essa vivência tanto como professora quanto como coordenadora de Educação Física. Bom, eu fui fazer mestrado na PUC³ de São Paulo, fui orientada pela professora Doutora Ediógenes Aragão⁴ que tinha acabado de chegar de um doutorado na França e que se interessou pelo meu trabalho. Então, foi a professora Ediógenes que me levou a pensar a história da Educação Física a partir de fontes. Ela dizia: “Carminha, nós temos que ver quais são as fontes que você vai pesquisar, porque sem fontes não existe história.” E aí, bom, vamos ver. Aí ela começou, ela começou a sugerir caminhos. O professor Mauricio Tragtenberg a época também me sugeriu outros caminhos e foi aí que nós chegamos, então, a pensar que nós poderíamos trabalhar com os escritos de Rui Barbosa⁵ para o século XIX, porque ali nós começávamos a ter um desenho de como um pensamento da elite republicana pensava Educação Física e essa elite pensava Educação Física a partir do movimento ginástico europeu. E o próprio Rui Barbosa num dos seus livros, das obras completas, reunidas num dos tomos, ele vai discorrer longamente sobre os métodos ginásticos, vai dizer qual é o mais adequado ao Brasil. E dali nós começamos a fazer uma relação, estabelecer uma relação com os médicos. E aí buscar, bom, “em que lugares? Ah, vamos pensar a instituição”. Então a instituição médica, a Sociedade Brasileira de Higiene, a Sociedade Brasileira de Medicina e Cirurgia, a Sociedade Brasileira de Eugenia, ou seja, a partir de um pensamento das sociedades científicas. É claro que nós não fomos analisar se essa Educação Física ocorreu, mas

³ Pontifícia Universidade Católica.

⁴ Ediógenes Santos Aragão.

trabalhamos com essas fontes. Então eu trabalhei com anais de congressos, com livros produzidos por esses médicos, tentando aí fazer esse desenho dessa suposta influência que a Educação Física brasileira teria sofrido por parte de uma corrente do pensamento médico higienista.

C.M. – E na época do seu mestrado como é que estava a pesquisa histórica na Educação Física? Tinham outras pessoas?

C.S. – Então, eu acho que essa é uma pergunta superinteressante, porque veja, eu não era nem professora universitária quando comecei a fazer o mestrado, eu era da Secretaria de Educação do Paraná, professora da Prefeitura, à disposição da Secretaria de Educação do Paraná. Eu comecei a fazer o mestrado em 1985. Então, na verdade, o meu contato era mais com as pessoas da história da Educação, da Secretaria de Educação, com quem eu convivia. Na época o professor Lino Castellani⁶ já era aluno do mestrado na PUC-SP desde 1983. Eu entrei em 1985. Você não tinha nascido né? [risos].

C.M. – Estava nascendo [risos].

C.S. – Bom, aí, então eu talvez não poderia dizer, eu posso dizer hoje, mas aí já é sou eu, hoje, pensando aquele momento. E não aquele momento propriamente, quer dizer, naquele momento eu participava de discussões no campo da Educação e da história da Educação. Eu não participava... O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte era o único, o CONBRACE⁷ era o único lugar que eu tinha ido, mas não havia essa discussão tão específica, foi o CONBRACE de 1985, depois de 1987 no Recife e aí em 1987 eu já era professora da UNICAMP⁸. Mas as pessoas que começavam a fazer os seus processos de pesquisadores, a fazer a sua formação de pesquisadores, elas iam ao encontro das ciências humanas, majoritariamente no campo da Educação. Os programas de Educação acolhiam os interessados e as interessadas em escrever uma história da Educação Física ou mesmo até uma história do lazer ou do esporte. Os programas de Educação Física estavam começando. Já havia alguns, mas, de fato, algumas pesquisas, as pesquisas de história elas

⁵ Ruy Barbosa de Oliveira.

⁶ Lino Castellani Filho.

⁷ Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.

⁸ Universidade Estadual de Campinas.

foram aparecendo mais nos programas de Educação. E eu acho que depois dos anos 1990 é que elas se intensificam.

C.M. – Você falou sobre o CBCE⁹, nesse momento já se tinha discussão das ciências humanas dentro do CONBRACE?

C.S. – Sim. A discussão de ciências humanas ela era muito forte desde 1985. Nós temos que lembrar que em 1985 o Laércio Elias Pereira conseguiu tornar-se o presidente do CBCE. E naquela época o presidente eleito já elegia o próximo presidente que era o vice dele, que era a professora Celi Taffarel¹⁰. Então, no ano de 1985 o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte aconteceu em Poços de Caldas¹¹ e foi o primeiro que eu participei e lá já houve uma discussão bastante importante em torno das ciências humanas e da Filosofia, como uma base para se pensar o corpo, o gesto, os movimentos, o esporte, a Educação Física e mesmos os lazeres. Havia muitas pessoas que estudavam os lazeres também e que se aproximaram do CBCE. O próprio Laércio Elias Pereira era ligado ao campo do lazer. Então, já em 1985 se você for olhar os anais dos CONBRACEs e a própria revista¹², você vai encontrar, mesmo que tênue, uma marca das ciências humanas buscando o seu lugar, com poucos trabalhos ainda sendo apresentados. No CONBRACE de 2003, realizado em Caxambu, eu fui convidada para falar desse tema e minha fala foi transformada em artigo e publicada na Revista Movimento, sob o título: “Do Corpo, da Educação Física e das muitas Histórias”. Eu acho que naquela época às vezes havia mais um conjunto de intenções, às vezes um discurso mais do campo ideológico do que propriamente do campo científico, mas que era importante naquele momento e às vezes era única forma das ciências humanas se apresentarem. Depois o Congresso de Ciências do Esporte de Recife aí já foi..., do meu ponto de vista, eu acho que foi insuperável o CONBRACE do Recife. Eu acho que nós nunca conseguimos fazer um CONBRACE com tamanha densidade teórica ao lado de uma aliança com a cultura local. Aquela efervescência da cultura local e um diálogo tão profícuo do campo do esporte, da Educação Física com as ciências humanas. Eu me

⁹ Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

¹⁰ Celi Nelza Zulke Taffarel.

¹¹ Poços de Caldas, MG.

¹² Referência a Revista Brasileira de Ciências do Esporte, publicada pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

lembro que um dos conferencistas desse CONBRACE do Recife foi Ariano Suassuna¹³. Um dos outros conferencistas convidados foi Carlos Rodrigues Brandão. E havia também, como foi em Olinda¹⁴, no Centro de Convenções, toda uma articulação de práticas expressivas do campo da cultura popular que se fizeram presente e foram constitutivas do programa do CONBRACE. E as ciências humanas já estavam lá muito bem representadas. Nós fizemos mesas específicas sobre a LDB¹⁵, sobre história da Educação, então havia já esse movimento, mas ainda não havia grupos de trabalho, nada. Mas acho que eu não sou a pessoa mais adequada para falar sobre a história do CBCE. Apenas aqui do ponto de vista da minha memória.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]¹⁶

C.M. – E a partir da década de 1990, esse cenário mais ligado a história da Educação muda ou quando é que começa a ampliar esses espaços da história?

C.S. – Então, eu penso que ainda ele é, nesse período, um espaço muito restrito aos mestrados, aos doutorados no campo da Educação, os anos 1990. Nós todos nos tornamos doutores e doutoras nesse período. Eu mesma me doutorei em 1996 com uma pesquisa sobre história, depois a Silvana Goellner¹⁷ também veio fazer o doutorado aqui na Educação da UNICAMP, a Andrea Moreno que também fez o doutorado aqui na Faculdade de Educação da UNICAMP. Claro, muitas outras pessoas em outros programas, mas eu lembro bem a Eustáquia Salvadora de Souza, professora da UFMG¹⁸, foi uma pessoa que já no fim dos anos 1980, eu acho que a Eustáquia defendeu a tese dela em 1994, se eu não me engano, também aqui no Programa de Educação da UNICAMP. Outros programas de história da Educação, como da UFMG, da UFRJ¹⁹, da própria UFRGS²⁰, foram acolhendo pesquisadores da Educação Física que ainda não encontravam espaço nos programas específicos de Educação Física; só tardiamente que foram acolhendo esse campo da Educação Física, mais especificamente da história. Porque a gente poderia situar

¹³ Ariano Vilar Suassuna.

¹⁴ Olinda, PE.

¹⁵ Lei de Diretrizes e Bases.

¹⁶ Alguém entrou na sala e conversou com o entrevistado.

¹⁷ Silvana Vilodre Goellner.

¹⁸ Universidade Federal de Minas Gerais.

¹⁹ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

que o campo da Pedagogia e mesmo da Filosofia já estava presente. Se nós pensarmos, por exemplo, no programa de Santa Maria²¹, mesmo na UFRGS onde nós vamos ter algumas pessoas do campo da Educação Física que trabalhavam com a Filosofia; na Federal de Santa Maria, me lembro do professor Arno²², me lembro, tenho que pensar no Elenor Kunz da Universidade Federal de Santa Catarina, mas eles estavam mais no campo da Filosofia e da Pedagogia. É tardia a entrada mesmo da história como uma possibilidade aí nos programas de pós-graduação em Educação Física. Veja que no caso, a UNICAMP teve um certo protagonismo, a partir da coordenação do Professor Gebara²³, criando um grupo específico de história do esporte. Quando ele cria isso e depois em 1993 ele organiza o primeiro encontro de história do esporte, que depois se transformou no CHELEF, mas assim, eu falo para você, mas eu não tenho nenhum dado científico, viu Christiane, é mais uma percepção e, claro, eu leio, eu leio artigos que saem de teses. Eu diria que os anos 1990, efetivamente, eles consolidaram esse lugar do campo da pesquisa em história do esporte e da Educação Física. E aí várias teses foram surgindo com vários temas do campo mais amplo da história do esporte e da Educação Física. E aí, é claro, nós temos que pensar quando pensamos Educação Física e esporte, estamos pensando as ginásticas, as diferentes modalidades esportivas ou mesmo as histórias da rítmica, da euritmia, os estudos que eu mesma orientei com os estudos monográficos sobre Dalcroze²⁴ e Delsarte²⁵, enfim, um pouco por esses caminhos.

C.M. – Ainda na década de 1990 e anteriormente a isso, quais referenciais eram mais utilizados, assim, na sua percepção de pesquisadora mesmo?

C.S. – Veja, eu acho que eu sempre sou avessa às classificações porque elas são sempre muito... quando elas se transformam em uma norma. A classificação que o pesquisador faz para orientar a sua pesquisa é uma coisa, mas quando a classificação vira uma norma coletiva e passa a enquadrar pesquisas, eu acho que ela é péssima, ela faz um desserviço à ciência. Eu acho que na década de 1980, principalmente, até o começo da década de 1990,

²⁰ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²¹ Referência ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria.

²² Nome sujeito a confirmação.

²³ Ademir Gebara.

²⁴ Emile-Jacques Dalcroze.

²⁵ François Delsarte.

nós tivemos muito isso. Esse afã classificatório e aí enquadrando determinados pesquisadores em determinados referenciais teóricos, quando na verdade, às vezes, tem traços desses referenciais ou às vezes nem tem uma marca muito grande do referencial, mas como a pessoa faz parte de um grupo, ela é classificada dentro de um referencial ou de outro referencial. Eu diria que eu acho que as pesquisas da Rossana Souza e Silva²⁶ mostraram muito bem os paradigmas mais dominantes no campo das teses e dissertações, não especificamente apenas em história. Se eu falar para você das pesquisas em história, eu creio que as pesquisas em história da Educação Física elas acompanham, isso é minha percepção, claro, aqui a gente está fazendo um trabalho de história oral, portanto é a minha leitura. Eu acredito que as pesquisas em história da Educação Física acompanharam, de certo modo, as pesquisas em história da Educação Física e do esporte, um movimento do campo da história da Educação, em que nós vamos encontrar no fim dos anos 1980, quando elas começam a aparecer no Brasil, para a segunda metade dos anos oitenta, nós vamos encontrar traços marcantes de uma das teorias marxistas, de determinadas teorias marxistas, nós vamos encontrar uma mistura entre as teorias marxistas e as teorias da Escola de Frankfurt, alguma coisa. E mais na metade dos anos 1990, já quando eu termino a minha tese, nós vamos começar a ter um diálogo, e a minha tese de doutorado já vai nessa direção, com a história cultural. Com a Escola dos Annales e a história cultural. Eu acho que é aí que nós começamos a ter também uma ampliação dos estudos da história da Educação Física e do esporte, porque a história da Educação Física e do esporte a partir dos referenciais da Escola dos Annales, da história das mentalidades e da história cultural, ela começa a ter aí uma possibilidade que esses referenciais dão de sair do binarismo que as teorias marxistas na verdade impingiam. Porque você estava sempre nos polos da luta de classes ou então nos polos do fraco e do forte, do opressor e do oprimido, a história dos vencidos, enfim. Todo esse discurso muito binário e mecanicista que se construiu a partir desses referenciais, mas que eram os referenciais que uma boa parte de todos nós tínhamos acesso. A partir do momento que nós começamos a ter acesso a outros referenciais, eu falo particularmente de mim, eu nunca fui uma marxista de carteirinha. Se você for olhar toda a minha produção, eu não tenho nenhuma bandeira alçada, desfraldada nos meus trabalhos, mas eu não posso negar que o mestrado que eu fiz tinha um forte traço marxista. E era história da Educação com esses referenciais. A minha orientadora já trouxe os referenciais da Escola dos Annales, no mestrado. E por isso já me aproximei dos estudos que fazia

²⁶ Rossana Valéria de Souza e Silva.

Nicolau Sevcenko, mesmo alguns textos do Foucault²⁷, eu utilizei. Então já a minha dissertação de mestrado, que depois tornou livro com o título “Educação Física: raízes europeias e Brasil”. Eu tenho um pouco esse diálogo, mesmo que eu fale da luta de classes ou das revoluções, mas eu trago também essa discussão foucaultiana de como o pensamento médico trabalha essa maquinaria de poder e tudo mais. Então eu acho que esse certo ecletismo que também fazia parte da nossa trajetória, pelo menos da minha, eu acho que ele, inclusive, me ajudou a refletir e a me aproximar depois no início dos anos 1990, já no meu doutorado, da história cultural e fazer da história cultural desde então o meu referencial de estudos. O Foucault sempre foi também um autor que acompanhou e me acompanha até hoje em muitos estudos, mas eu também rejeito muito essa adesão a um autor, que às vezes acontecem em muitos dos trabalhos, em que a pesquisa fica subsumida em nome no referencial teórico. Então você encaixa a pesquisa num referencial teórico quando tem que ser o contrário. Então minha tentativa sempre foi contrária a isso. A teoria, ela tem que ser operacional, quer dizer, o conceito operacional. Aonde que eu preciso dele, é lá que ele vai aparecer, e não como pressuposto ou como um a priori da minha pesquisa. Então eu acho que o movimento do pensamento da historiografia e da história da Educação Física e do esporte no Brasil, ela acompanha um pouco esse movimento no campo da história da Educação. Porque é da segunda metade dos anos 1990 que eu acho que aproximação com a história fica mais próxima também, que a aproximação se estreita com o campo da história. E aí eu acho que nós temos vários exemplos entre nós de historiadores que nos acompanha, o próprio Nicolau Sevcenko, depois a Denise Sant’Anna²⁸ desde 1995 que é uma historiadora muito próxima. Eu estou falando mais da minha relação de trabalho em que surge também a professora Margareth Rago²⁹ da UNICAMP, o professor Janes Jorge da UNIFESP³⁰, Campus Guarulhos, o professor Leonardo Brandão da FURB³¹ que são historiadores com quem eu venho trabalhando há muitos anos e que me ajudam muito a pensar o campo da Educação Física e do esporte, como delimitações temáticas dentro do campo da história. Como novos objetos, novos problemas, novas interpretações do campo da história.

²⁷ Michel Foucault.

²⁸ Denise Bernuzzi de Sant’Anna.

²⁹ Luzia Margareth Rago.

³⁰ Universidade Federal de São Paulo.

³¹ Fundação Universidade Regional de Blumenau.

C.M. – E quando você compõe um grupo de estudos e de pesquisas aqui na UNICAMP?

C.S. – Quando?

C.M. – É.

C.S. – Olha, na verdade assim, eu não sou muito de criar grupos. Eu sempre participo de grupos. Eu quando me tornei professora aqui, eu imediatamente me envolvi com o grupo, que depois passou a ser do meu orientador, que era um grupo de estudos de imagem e de cinema, literatura, imagem e cinema, que se chamava Olho. Grupo de Estudos Audiovisuais³², que estava ligado ao Milton³³ que era um grande intelectual, um cara da teoria literária, dos estudos literários e da história da arte, que nos levava a pensar a história e os problemas de pesquisa desde essa perspectiva da literatura, do cinema, das artes plásticas. E isso combinava muito bem com a história cultural. Não estou dizendo que ele adotasse a história cultural como referencial, mas ele dialogava também com muitos autores da história cultural e para mim isso foi muito importante. Então eu fazia parte desse grupo de pesquisa. Foi ali que eu me construí como pesquisadora, foi ali que eu trabalhei os meus primeiros trabalhos de orientadora, como é o caso da orientação da Andrea Moreno, do Vinicius Terra³⁴, do Rafael Madureira³⁵, enfim. Da minha primeira geração de orientandos a Kátia Danailof que estudou os parques infantis, enfim, a minha primeira geração de orientandos se deu naquele grupo. Primeira e a segunda geração. Depois quando eu, depois de dezessete anos trabalhando na Faculdade de Educação, quando eu saí da Faculdade de Educação e vim para a Faculdade de Educação Física como professora para trabalhar com história do esporte e da Educação Física na graduação, eu continuei no mesmo programa da Educação, eu continuei lá naquele grupo, mas na FEF³⁶ eu tinha que ter um outro grupo. E aí na época nenhum grupo dos que existiam na FEF me aceitou. Então eu criei um novo grupo, porque Helena Altmann também estava chegando, então eu criei um grupo que se chamava Corpo e Educação. E ali cabiam os estudos de história e estudos de gênero por conta dos trabalhos da Helena Altmann. E depois eu acabei também

³² OLHO Laboratório de Estudos Audiovisuais

³³ Milton José de Almeida.

³⁴ Vinicius Demarchi Silva Terra.

³⁵ José Rafael Madureira.

³⁶ Faculdade de Educação Física.

sendo credenciada no programa de Educação Física. Eu criei uma disciplina de história do corpo e da Educação Física e acabei permanecendo nesse grupo e permaneço até hoje nesse grupo. E depois que o Edivaldo Góis Junior se tornou nosso professor, ele acabou assumindo a coordenação do grupo, mas o meu nome ainda está lá, embora eu não tenha trabalhado muito nesse grupo. Depois na Faculdade de Educação, é importante dizer isso, eu saí desse grupo depois da morte no Milton, ele morreu em 2011, eu saí desse grupo, porque eu achava que os estudos estavam se dirigindo para filosofia da linguagem, filosofia da diferença que não era muito aquilo que eu gostaria de continuar trabalhando. Eu fui convidada para fazer parte do grupo Focus³⁷ que é um grupo de estudos que estuda instituições, educação e desigualdade. E aí é claro que o esporte é uma instituição, a ginástica é uma instituição. E esse grupo trabalha na interface entre história cultural, sociologia e sociologia histórica. Então eu me senti super acolhida e eu estou lá desde 2012 nesse grupo, então o meu trabalho com os meus orientandos se faz naquele grupo. O que eu faço paralelamente é uma reunião mensal com os meus orientandos que é aberta para outras pessoas que queiram participar. Às vezes os orientandos do Edivaldo vêm, enfim, mas eu não tenho um grupo meu “Ah! Esse é meu grupo”. Então eu circulo nesses grupos. Eu também sou ligada a um grupo que a professora Denise Sant’Anna coordena na PUC que se chama “A Condição Corporal”, que também está na interface entre a Psicologia Clínica, a História e a Filosofia.

C.M. – A Educação Física ela tem uma certa tradição ligada as ciências biológicas, uma certa tradição que as ciências humanas foi entrando. Como foi essa entrada da história? Você já falou um pouco sobre isso, mas eu ainda queria.... Você percebe isso em publicações, em eventos, em outros espaços? Aqui na UNICAMP?

C.S. – Em que sentido? Deixa eu só entender.

C.M. – De aceite da pesquisa histórica dentro da Educação Física.

C.S. – Ah sim. Sim. Olha, eu gosto muito de uma conversa que tive quando eu vim para a FEF com o meu colega Ricardo Machado Leite de Barros que é diretor do Laboratório de

³⁷ Grupo de Estudos sobre Educação, Instituições e Desigualdade.

Biomecânica, o LAB. Ele era o coordenador da Pós³⁸ da FEF – Unicamp na época e nós começamos a conversar e de repente eu nunca tinha conversado com ele, e a conversa ficou longa e nós nos aproximamos muito, inclusive quase nos tornamos candidatos a diretor e vice diretora da Faculdade de Educação Física em 2010. E porque que eu estou evocando isso na entrevista? Porque na conversa com o Ricardo, que é da Biomecânica, nós falamos muito sobre a produção científica e eu gostei muito de conversar com ele. Às vezes eu acho que é mais fácil conversar com alguém das ciências duras sobre a produção científica do que certos grupos no campo da Educação Física que se auto intitulam das ciências humanas. E porque que eu uso desse auto intitulam? Porque no fundo, Christiane, essa divisão ela é falsa. O que existe é a boa ciência e a má ciência. A boa ciência dialoga com a boa ciência. E a boa ciência feita no campo das humanidades, e aí a gente tem que incluir a Filosofia e as Artes, dialoga com a boa ciência no campo da Fisiologia, da Biomecânica, da Cinesiologia. Então veja, eu nunca tive restrição alguma como pesquisadora em grupos mistos para trabalhar questões ligadas aquilo que deve ser do campo da Educação Física. Inclusive no ano de 2014, nós estávamos criando um conjunto de normas, a Faculdade de Educação Física, e eu trabalhei, eu era representante do grupo das humanas e, olha, eu não vou dizer para você que foi fácil, mas foi muito produtivo para mim como intelectual e como cientista, discutir com essas pessoas e justificar para elas porque que nas ciências humanas uma revista indexada no Scielo tem importância? Porque que na pesquisa em Educação Física nas ciências humanas, publicar na revista de história ou de Educação tem importância? E porque que para nós as indexações das revistas elas não podem ser as mesmas que são aquelas do campo das ciências biológicas e das ciências da saúde mais amplamente? Então eu que acho que esse abismo que se produziu, e que gerou uma disputa nos programas de pós-graduação e no tipo de produção científica que se desenha em números, e que às vezes são impossíveis ou quase impossíveis para o campo das humanidades na Educação Física, eu acho que ela logo vai desaparecer. E porque que ela vai desaparecer? Porque paulatinamente nós da Educação Física, que trabalhamos com as ciências humanas, passamos a fazer pesquisa, passamos a fazer pesquisa *científica* e não apenas carta de intenções. E a medida que nós vamos fazendo pesquisa científica, nós vamos nos afirmando como pesquisadores no campo acadêmico científico. E nós podemos discutir de igual para igual o que a pesquisa e não um conjunto de intenções, ou de lamúrias ou de vitimação “Oh! Coitadinhos”. Não. Nós a partir do momento que

³⁸ Pós-graduação.

começamos a fazer pesquisa, nós começamos a discutir de igual para igual. A pesquisa é essa, as revistas são essas. Veja, essa é a trajetória da revista tal, hoje ela é classificada A, amanhã ela vai ser classificada talvez B, nós não sabemos. Mas nós fomos produzindo pesquisas em ciências humanas, a partir do referencial das ciências humanas e não lamúrias, lamentações e vitimação. Então, quando você vai fazer uma pesquisa em história oral, você vai trabalhar com referencial teórico, metodológico da história oral. Eu trabalho com arquivo. Eu trabalho com imagens. Eu vou usar os referenciais teórico-metodológicos da história cultural para fontes específicas, não é? Assim como os estudos da Sociologia do Esporte, da Sociologia da Educação, da Sociologia da Educação Física, da Antropologia, da Educação no sentido mais amplo em que nós vamos pensar todas as pedagogias e os modos de se fazer pesquisa no campo da Educação, em que floresce, emerge uma Educação Física escolar. Como que se ensina Educação Física, a condição dos professores, as condições materiais. Uma pesquisa sobre como que eu dou aula. Qual é a melhor aula? Qual é a melhor didática? Mas a partir de pesquisas científicas, com metodologias claras, com referenciais teóricos claros, com levantamentos claros do estado da arte, não é? Com referenciais teóricos e com uma bibliografia nacional e internacional. Eu acho que tudo isso vai dando para a gente um lugar de pesquisadores e aí nós conversamos de igual para igual. Eu acho que a partir do momento que nós começamos a fazer isso, que foi nos anos 1990, no fim, na segunda metade dos anos 1990, as coisas começam a mudar. Elas ainda não estão conduzidas de forma igualitária, mas eu acho que isso é um processo e acho que o Stigger³⁹ organizou um livro que eu gosto muito, que se chama “Educação Física + Humanas”, livro no qual nós vemos grandes pesquisadores do campo da Educação Física produzindo um material, refletindo sobre isso. Acho que a história ela ainda é, foi, eu acho que ela está saindo desse lugar, mas ainda é um pouco a prima pobre eu acho. Eu acho que o trabalho que o Tony Honorato apresentou hoje⁴⁰ mostra um pouco isso, quer dizer, se você vai olhar o topo do referencial é o Bordieu⁴¹ e o Elias⁴² e não o Vigarello⁴³, para a gente usar grandes nomes. Mas isso está mudando. Eu acho que nós estamos produzindo um caminho interessante. Então assim, aqui na UNICAMP, bom, eu não sei as outras pessoas, mas eu estou falando de mim, a minha memória, quer dizer, eu nunca tive

³⁹ Marco Paulo Stigger.

⁴⁰ Sobre a produção no CHELEF.

⁴¹ Pierre Bordieu.

⁴² Norbert Elias.

⁴³ Georges Vigarello.

problema em lugar nenhum, pelo contrário. Eu tenho um trabalho muito próximo com a história aqui no IFCH⁴⁴. Eu tenho um trabalho muito próximo com a História da PUC de São Paulo. Eu frequento, se você olhar o meu currículo lattes você vai ver que o número de bancas que eu participo na História é muito maior que da Educação e é infinitamente maior do que na Educação Física, que é raríssimo eu participar de uma banca nos programas de Educação Física. A estatística é assim, se fossemos usar, ela nem aparecia porque é muito pequeno o número, é quase eliminado. Então os historiadores, quer dizer, eu tenho uma dialogo muito próximo com historiadores e um trabalho muito respeitoso de ambas as partes, quer dizer, eu tanto participo do trabalho com eles como eles participam de trabalhos conosco. As bancas, muitas vezes nós os convidamos para as bancas, mesmo a minha banca de livre docência, eu tive historiadores nela, enfim, é tudo. Eu acho que é bem isso, eu acho que essa conversa com o Ricardo Barros na época ela me conduziu para um lugar interessante de discussão, e até hoje eu continuo fazendo esse tipo de discussão na faculdade. Eu, hoje, sou do Departamento de Ciências do Esporte e inclusive foi esse departamento que me convenceu a fazer um concurso de titular que eu nem faria. São os fisiologistas, os biomecânicos, os estudiosos do treinamento desportivo de alto rendimento que me convenceram a fazer o concurso de professora titular [risos].

C.M. – Como pesquisadora, como você vê os lugares de memória, aqui, nos museus, no centro de memória?

C.S. – Então, tem um historiador francês que agora eu não vou me lembrar o nome, ele escreve sobre isso, os lugares de memória... é claro, Pierre Nora como um dos autores centrais. Eu acho que eles são muitos, às vezes nós acabamos pensando que eles são apenas os que são institucionalizados. Mas sem dúvida eu considero que, no campo da história da Educação Física e do esporte, esses lugares institucionais eles são fundamentais, inclusive para dar visibilidade para o campo. Eu acho que você que vem estudando isso talvez possa me dizer se essa minha asserção, se você concorda ou não com ela, mas eu acho que esses lugares eles nos ajudam a dar visibilidade ao campo e a tudo que o campo já produziu. E também aos diálogos possíveis que existem do campo da história da Educação Física e do esporte com os outros campos da história. Eu vejo assim, quando nós começamos a organizar a sala de coleções especiais, nós fomos assessorados pelo pessoal

⁴⁴ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

do sistema de bibliotecas da UNICAMP e dos arquivistas. Na época a bibliotecária Tereza⁴⁵ que era diretora da coleção de obras raras da UNICAMP, ela nos ajudou, lançamos um seminário para debater, o que é uma obra rara? O que é uma coleção especial? Como que você vai organizando essas coleções? E foi impressionante, porque nós tínhamos esse material a muitos anos, a mais de quinze anos esse material estava aqui e as revistas dos anos 1930 elas já estavam desde que a FEF existe, portanto há trinta anos, mas elas nunca tinham sido objeto de um cuidado para que elas ficassem guardadas como acervo que permite que você possa estudar e escrever sobre história do esporte e da Educação Física. E graças ao cuidado da Dulce Inês Leocadio⁴⁶ que é a diretora da nossa biblioteca, esse material nunca foi eliminado, porque ele poderia ter sido ou deixado em locais que sofresse avarias e que não pudesse mais ser recuperado e preservado. Então eu lembro que nesse ano, quando nós fizemos o seminário e começamos a produzir a sala, no final desse ano de 2010, nós fizemos uma primeira exposição e a sala não estava constituída, mas já sabíamos da existência dos materiais. E foi uma coisa, foi muito impressionante, porque o jornal da UNICAMP fez uma matéria e aí nós começamos a receber muitas pessoas da sociologia, da história, mesmo da história da educação ou da educação que vinham e diziam “Nossa, mas eu não sabia...”. Alunos inclusive da Faculdade de Educação Física que não sabiam que esse acervo existia, mas ele estava lá. Mas o fato de colocar isso numa outra ordem discursiva, nós historiadores sabemos disso, os materiais estão lá, mas eles não são fontes. Quando você os reordena, você dá uma outra ordem discursiva, eles vão falar outras coisas. E eles ecoaram muitas vezes e eles foram ouvidos por muitos pesquisadores. E é claro que, em função disso, eu acho que esses lugares que vem sendo constituídos eles nos ajudam a pensar e a dar visibilidade para nossas pesquisas. Porém, eu acho que é preciso tomar um certo cuidado quando nós vamos constituir esses lugares, porque nem tudo é objeto de um centro de memória, de uma sala de coleções especiais, de um museu ou de um arquivo. E eu acho que às vezes a gente precisa tomar, às vezes não, eu acho que a gente sempre precisa tomar muito cuidado, porque às vezes esses lugares de memória são constituídos como depósito daquilo que eu não quero mais na minha casa. Então isso também é uma tarefa delicada, porque como que eu vou julgar aquilo que alguém considera que é história mais importante da vida de um grupo. E é por isso que nós precisamos então do respaldo dos técnicos e dos modos como

⁴⁵ Tereza C. O. N. de Carvalho.

⁴⁶ Dulce Inês Leocadio dos Santos Augusto

esses lugares são constituídos, sem eles essas coisas não funcionam. Então, eu acho que aquela fala sua e da Silvana Goellner naquele encontro⁴⁷ aqui foi muito importante, eu acho que a gente precisa tomar um certo cuidado, inclusive um pouco pensando na fala da Silvana de como que às vezes se constituem alguma coisa para fazer outra. O título de centro de memória do esporte e da Educação Física, mas não tem nada de memória e nem de história da Educação Física, ele é apenas uma fachada para você fazer qualquer outra coisa. É como esse congresso também, o CHELEF, houve momento em que ele estava quase se tornando um congresso de tudo. Não, ele é um congresso de história, então nós vamos preservar a história. E esses lugares da memória e da história da Educação Física e do esporte, os museus, as salas de coleções especiais, os centros de memória, eu acho que a gente deve ter esse cuidado. E eu acho que a visibilidade que nós damos para eles, quando nós aceitamos que eles sejam tratados centro de memória, qual critério para que ele seja? Aqui na minha universidade os critérios são muito claros, mas é que a gente está na UNICAMP. Então como que você constitui um centro? Inclusive, hoje, com BORA⁴⁸ que é essa grande biblioteca de obras raras que nós ganhamos, ela vai ser inaugurada agora. Existe até uma tendência aqui que a maioria dos arquivos pequenos, sejam abrigados lá porque lá tem todas as condições de abrigá-los.

C.M. – E, especificamente sobre o centro de memória da Educação Física, você acompanhou a criação de alguns desses espaços?

C.S. – Olha, eu diria para você que o único que eu tenho mais proximidade é o que vocês têm na UFRGS, porque a Silvana Goellner que pensou e quando ela pensava esse centro, ela conversava muito sobre isso. E eu lembro que na época era o primeiro e a gente achava genial essa ideia. Pensávamos “Nossa, mas a Silvana é poderosa. Olha como que ela consegue pensar algo tão incrível como é o CEME⁴⁹”. De fato, ela conseguiu fazer isso. Então eu acho que é o que eu mais acompanhei. Depois tem o de Minas Gerais, mas eu conheço muito pouco o de Minas Gerais, mas eu poderia dizer que é mais mediado pelo trabalho muito próximo com a Andrea Moreno; a Meily Linhales⁵⁰, entre outros e outras professoras e professoras, mas eu conheço pouco. O CEME eu conheço, inclusive eu fiz

⁴⁷ Encontro de Centros de Memória que ocorreu durante o CHELEF.

⁴⁸ Biblioteca de Obras Raras

⁴⁹ Centro de Memória do Esporte.

⁵⁰ Meily Assbú Linhales.

pesquisa no CEME. Porque quando eu comecei a estudar a obra do George Hébert, vocês são o grupo que tem o maior número de obras do George Hébert. E não encontrei em nenhum outro lugar e nem aqui que nós temos muita coisa, mas vocês têm muito mais. Então, no ano 2000 que eu comecei a estudar o George Hébert, eu fui para lá, o Alex⁵¹ me ajudou, enfim.

C.M. – Professora, tem mais alguma coisa que você gostaria de registrar?

C.S. – Eu acho que não. Eu acho que, ou talvez assim, dizer que é importante que nós, que estudamos história do esporte e da Educação Física, que nós nos aproximemos cada vez mais e façamos coisas juntas e juntos. Porque eu vejo que nós temos que criar espaços para que a pesquisa em história da Educação Física, circule nos espaços também da Educação Física. Porque nós nos sentimos muito acolhidos na ANPUH⁵², nós fazemos simpósios maravilhosos na ANPUH. E é uma coisa genial que isso aconteça. Nós fazemos simpósios maravilhosos na Sociedade Brasileira de História de Educação, a SBHE, em seus congressos, os Congressos Brasileiros de História da Educação, o CBHE. Nós somos muito acolhidos nos congressos Luso-Brasileiros de História da Educação, o COLUBE, eles adoram os nossos trabalhos. Nós apresentamos sempre painéis, comunicações coordenadas, fazemos parte, escrevemos nas revistas desse campo. Agora, nós temos muito pouco espaço no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Nós mal conseguimos criar um grupo de trabalho temático que nem tem o nome de história, que não podia ter o nome de história e que tem um nome que graças ao Victor⁵³, a Silvana, ao Amarílio⁵⁴, a eu mesma, enfim, Andrea Moreno. Enfim, um grupo, mas naquela época era mais o Amarílio, a Silvana, o Victor, eu que batalhamos. Andrea também estava nesse grupo, posso estar esquecendo de algum nome, mas enfim. A gente brincava, inclusive tinha um gesto o GT⁵⁵ do H⁵⁶, mas que não pode ser do H porque tinha que ser um grupo de trabalho temático e não podia aparecer a questão disciplinar. Quer dizer, numa sociedade científica você não pode ter um grupo de trabalho disciplinar. Quer dizer, isso gerou o que acabou acontecendo, um esvaziamento absoluto da pesquisa histórica dentro do Colégio Brasileiro

⁵¹ Alex Branco Fraga.

⁵² Associação Nacional de História.

⁵³ Victor Andrade de Melo.

⁵⁴ Amarílio Ferreira Neto.

⁵⁵ Grupo de Trabalho.

de Ciências do Esporte. Nós não conseguimos colocar ninguém nas mesas nos últimos CONBRACEs. Qual foi último CONBRACE que tinha alguma discussão sobre história? Nenhum. *Nenhum*. O último que eu tinha ido era o de Porto Alegre, de 2005, mas que não teve nenhuma mesa de história do esporte ou da Educação Física. E depois eu nunca mais fui. Eu fui agora, o ano passado, em Vitória. O nosso GT completamente esvaziado. E um conjunto de mesas em que nenhuma contemplou a história. Três mesas de filosofia e nenhuma de história. Então, quer dizer, eu tenho duas hipóteses. A primeira delas é: nós, historiadores, nos afastamos do CBCE e aí eu faço *mea culpa* porque eu fiz isso. A segunda hipótese: a história não tem lugar no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Eu prefiro pensar que a primeira é mais verdadeira, mas há de se fazer uma pesquisa para comprová-las. Então eu acho que eu como da geração mais velha, mas que continua fazendo pesquisa, porque às vezes a gente também no Brasil tem um preconceito com os mais velhos e os coloca, para voltar a tua pergunta inicial e encerrar minha fala, nas caixinhas classificatórias “Ah! Aquele grupo dos anos oitenta da Educação Física marxista” E aí todos estão no mesmo bloco “Ah! Pararam no tempo”. Não. Algumas pessoas pararam no tempo, outras não pararam no tempo. Então, há de se pensar que as pessoas não escrevem, algumas escreveram um livro e ficaram com aquele livro. As outras, outros continuam fazendo pesquisa até hoje, mesmo que estejam numa idade muito diferente da novíssima geração, mas continua atuando no programa de pós-graduação, são bolsistas de produtividade do CNPq⁵⁷, no campo da história, da educação, da Educação Física. Então, acho que a gente precisa também romper com esse preconceito geracional que eu sinto que é muito forte no campo da história da Educação Física. E olhar para as pesquisas que são feitas e não para uma caixinha em que as pessoas, por alguma razão, foram classificadas em algum momento. É isso. Muito obrigada, Christiane.

C.M. – Obrigada. Agradeço.

[FINAL DA ENTREVISTA]

⁵⁶ Referente a História.

⁵⁷ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.